UM ADVERSÁRIO LETAL ESTÁ DE VOLTA.

E DESTA VEZ NÃO PODE ESCAPAR.

ALEX CROSS

FOGO CRUZADO

N.º 1 EM TODO O MUNDO

JAMES PATTERSON

MAIS DE **305 MILHÕES** DE LIVROS VENDIDOS

TOP SELLER

Para Scott Cowen, presidente da Universidade Tulane e herói de Nova Orleães, cuja liderança inspirada e esforços hercúleos ajudaram a assegurar um futuro mais brilhante tanto para a Tulane como para Nova Orleães, depois da devastação do furacão Katrina.

PRÓLOGO

ACHADO NÃO É ROUBADO

UM

Tinham-se passado meses desde que Kyle Craig matara um homem. Em tempos idos, ele fora o tipo de homem que precisava de tudo para ontem, senão antes. Mas já não era assim. Se havia coisa que os anos de infernal solidão na prisão de ADX Florence, no Colorado, lhe haviam ensinado era a esperar pelo que desejava.

Sentou-se pacientemente no vestíbulo do seu apartamento envidraçado de Miami, com a arma aninhada no colo, a observar as luzes do porto, enquanto passava o tempo. Não estava com especial pressa, apreciava a vista e talvez finalmente começasse a aprender a desfrutar da vida. Parecia certamente descontraído — calças de ganga ruças, sandálias, uma t-shirt a dizer CONSIDERA-TE AVISADO.

Às 2h12 da manhã, ouviu-se uma chave na fechadura. Kyle ergueu-se de imediato e encostou-se à parede, deixando-se ficar tão em silêncio como uma obra de arte.

O homem do momento, Max Siegel, entrou em casa a assobiar. Kyle reconheceu a melodia, um velho fragmento da sua infância. Era de *Pedro e o Lobo*. A secção de cordas — o tema da caça do Pedro. Irónico o suficiente.

Esperou que o Sr. Siegel fechasse a porta atrás de si e desse mais uns passos para o interior do apartamento ainda

obscurecido. Foi então que Kyle apontou a mira de laser vermelho e premiu o gatilho.

— Olá, Sr. Siegel — disse ele. — Prazer em conhecê-lo.

Uma corrente de solução salina com carga elétrica atingiu Siegel diretamente nas costas, descarregando cinquenta mil volts.

Ele grunhiu por entre dentes cerrados. Os ombros paralisaram instantes antes de o corpo ficar completamente rígido e o homem tombou no chão como uma árvore.

Kyle não hesitou um segundo. Passou rapidamente um cordel de nylon à volta da garganta de Siegel, deu-lhe três voltas e começou a arrastá-lo num pequeno círculo para embeber a solução salina no chão, empurrando-o depois pelo apartamento em direção à casa de banho principal, nos fundos.

Siegel estava demasiado fraco para resistir. O único esforço que conseguia fazer gastava-o no cordel, tentando não ser estrangulado.

— Não resista — disse Kyle, por fim. — Não vale a pena.

Na casa de banho, Kyle içou-o para a enorme banheira e atou as pontas do cordel a um dos toalheiros cromados. Não era necessário, em termos físicos, mas foi a maneira de manter a cabeça de Siegel levantada, para Kyle poder ver-lhe o rosto.

— Provavelmente nem conhece estas coisas, não é? — disse ele, exibindo a estranha arma que levava. — Sei que anda sob disfarce há uns tempos, mas isto vai dar que falar, acredite.

O objeto parecia uma pistola de água, coisa que de facto quase era. O disparo dos *tasers* normais durava no máximo trinta segundos. Aquela pistola podia disparar de modo *ininterrupto*, graças a uma mochila com um reservatório de água de oito litros que ele usava às costas.

— O que... é que quer? — lá conseguiu desembuchar Siegel em resposta àquela loucura.

Kyle tirou do bolso uma pequena máquina fotográfica digital da *Canon* e começou a tirar fotografias. Retrato de frente, perfil esquerdo, perfil direito.

— Eu sei quem você é, agente Siegel. Vamos começar por aí, pode ser?

Uma expressão de confusão cruzou o rosto do homem. Depois, de medo.

— Oh, meu Deus, isto é um erro qualquer horrível. O meu nome é Ivan Schimmel.

— Não — disse Kyle, não parando de tirar fotos: à testa, ao nariz, ao queixo. — Você é o Max Siegel e é do FBI. Há vinte e seis meses que anda sob disfarce. Conseguiu subir na consideração do cartel Buenez até eles terem confiança suficiente em si para começarem a fazer envios. Agora, enquanto toda a gente vigia a Colômbia, você passa heroína de Phuket e Banguecoque para Miami.

Baixou a máquina fotográfica e olhou Siegel nos olhos.

— Deixe lá o relativismo moral. Afinal, é tudo em nome da vitória final. Não é assim, agente Siegel?

— Não sei de quem é que está a falar! — gritou ele. — Por favor! Veja na minha carteira! — Começara a debater-se outra vez, mas rapidamente foi travado por uma nova dose de voltagem. A eletricidade atacou-lhe os nervos motores e sensoriais. A tolerância de Siegel à dor era irrelevante. E as munições, mal por mal, escoavam diretamente pelo cano até à baía de Biscayne.

— Acho que posso perdoar-lhe o facto de não me reconhecer — prosseguiu Kyle. — O nome «Kyle Craig» diz-lhe alguma coisa? Ou «o Crânio», talvez? Era assim que me

chamavam na NSA*, em Washington. Na verdade, eu já lá trabalhei. Há muito tempo.

Uma centelha de reconhecimento surgiu e sumiu-se nos olhos de Siegel, se bem que Kyle não precisasse de nenhum tipo de confirmação. O seu trabalho de reconhecimento continuava imaculado.

Mas este Max Siegel também era profissional. Não ia parar agora o jogo, *sobretudo agora*.

— Por favor — titubeou, quando recuperou a voz. — O que é que se passa? Quem é você? Não sei o que é que quer.

— Tudo, Max. Até ao último pormenor.

Kyle tirou mais meia dúzia de fotografias e tornou a guardar a máquina fotográfica no bolso.

— Na verdade, se lhe serve de consolo, você é uma vítima do seu bom trabalho. Aqui ninguém sabe quem você é, nem mesmo a agência local do FBI. Foi por isso que o escolhi. Selecionei-o de entre todos os agentes em funções nos Estados Unidos. *A si*, Max. Consegue adivinhar porquê?

A voz dele tinha mudado enquanto falava. Estava agora mais nasalada, com os mesmos matizes de sotaque de Brooklyn que enfeitavam o discurso do verdadeiro Max Siegel.

— Isso nunca irá resultar! Você é louco! — gritou-lhe Siegel. — Doido varrido!

— Até pode ser verdade, de acordo com certos padrões — respondeu Kyle. — Mas sou também o filho da puta mais brilhante que alguma vez terá o prazer de conhecer. — Depois, premiu mais uma vez o gatilho e deixou a coisa *escoar*.

Siegel estremecia emudecido no fundo da banheira.

---

* NSA — National Security Agency: Agência de Segurança Nacional. [*N. da T.*]

Por fim, começou a sufocar com a própria língua. Kyle observava, reparando atentamente em cada pormenor até ao final, analisando o seu objeto de estudo até não restar nada para aprender.

— Esperemos que isto resulte – disse. — Não havia de querer que morresse em vão, Sr. Siegel.

DOIS

Vinte e dois dias depois, um homem com uma enorme semelhança com Max Siegel deu saída do Hotel Meliá Habana, em Miramar, a zona chique de Havana, em Cuba. Ali, os turistas por motivos médicos eram tão comuns como os carteiristas; ninguém olhou duas vezes para o homem de ombros largos vestido de fato de linho que atravessava o átrio com nódoas negras em torno dos olhos e gaze a tapar-lhe o nariz e as orelhas.

Assinou a conta com uma assinatura imitada na perfeição e pagou com o cartão da American Express novinho em folha em nome de Max Siegel. As cirurgias, contudo, haviam sido pagas em dinheiro vivo.

Do hotel, apanhou um táxi que atravessou a cidade até ao consultório do Dr. Cruz, discretamente aninhado numa das intermináveis arcadas neoclássicas do centro da cidade. Lá dentro havia uma clínica moderna com todos os serviços e completamente equipada, capaz de deixar orgulhoso qualquer dispendioso cirurgião plástico de Miami ou Palm Beach.

— Devo dizer-lhe, Señor Siegel, que estou bastante satisfeito com isto. — O médico falava suavemente enquanto retirava a última ligadura. — É dos melhores trabalhos que já fiz, se me permite que o diga. — O seu tom era atencioso, mas

incisivo e eficaz... muito profissional. Não deixava transparecer que estava tão disposto a contornar a ética como a cortar a pele e os ossos no rosto dos clientes.

O Dr. Cruz havia executado sete cirurgias em separado, uma coisa que em qualquer outro sítio poderia ter demorado meses ou até mesmo um ano. Fez uma blefaroplastia às pálpebras; uma rinoplastia padronizada ao nariz, com uma elevação completa da pele dos tecidos moles na pirâmide nasal; novos implantes MEDPOR para maçãs do rosto e queixo mais proeminentes; uma genioplastia deslizante ao maxilar; um pequeno aumento da testa com silicone; e, como último retoque, uma bela covinha no queixo — tal e qual a de Max Siegel.

A pedido do paciente, nenhuma imagem eletrónica foi captada antes ou depois dos procedimentos. Pelo preço certo, o Dr. Cruz dispusera-se por completo a trabalhar a partir de uma série de ampliações digitais de fotos em papel, sem fazer perguntas, sem qualquer interesse em nenhum pormenor biofísico.

Agora, ao segurar no grande espelho de mão, para que Kyle visse o seu reflexo, o efeito era espantoso. Os implantes, sobretudo, eram uma espécie de milagre de mudança.

Max — não Kyle — sorriu ao desviar-se do espelho. Sentiu uma ligeira picada nos cantos da boca, que já não se mexiam bem da mesma maneira. Na verdade, não se reconheceu de todo. Era uma coisa atordoante, no melhor sentido possível. No passado já tivera outros disfarces, incluindo algumas próteses muito caras que o tinham tirado da prisão. Mas, comparadas com isto, não eram nada.

— Quanto tempo irão durar as nódoas negras? — perguntou. — E este inchaço à volta dos olhos?

Cruz entregou-lhe uma pasta com informações sobre os cuidados a ter.

— Com o repouso adequado, deverá estar com um aspeto completamente normal dentro de sete a dez dias.

As alterações que faltavam, podia ser ele a fazê-las — rapar o cabelo à escovinha e pintá-lo num tom escuro e colocar um par de lentes de contacto com cor. Se alguma desilusão havia, era a de Kyle Craig ser anteriormente muito mais bem-parecido do que Max Siegel.

Mas que se lixe. Ele precisava de olhar para o quadro geral. Para a próxima podia ser o Brad Pitt, se lhe apetecesse.

Saiu da clínica muito bem-disposto e apanhou outro táxi em direção ao Aeroporto Internacional José Martí. Daí, apanhou um avião de regresso a Miami, com ligação a Washington, DC, nessa mesma tarde. Para o acontecimento principal.

Os seus pensamentos já começavam a coalescer em torno de uma ideia: encontrar-se com o seu velho amigo, e por vezes parceiro, Alex Cross. Teria Alex esquecido as promessas que Kyle lhe fizera ao longo dos anos? Não lhe parecia possível. Mas ter-se-ia Cross tornado, entretanto, um bocadinho complacente? Talvez. Fosse como fosse, o «grande» Alex Cross ia morrer, e morrer mal. Haveria dor, mas, mais do que isso... remorso. Seria um final digno da espera, sem dúvida.

E, no entretanto, Kyle haveria de se divertir um pouco. Afinal de contas, no papel do novo e melhorado Max Siegel, sabia melhor do que ninguém que existia mais do que uma maneira de tirar a vida a um homem.

PRIMEIRA PARTE

ATIRADOR A POSTOS

CAPÍTULO 1

Tinha explodido mais uma tampa de esgoto em Georgetown, elevando-se mais de doze metros no ar. Tratava-se de uma estranha e pequena epidemia, à medida que as envelhecidas infraestruturas da cidade atingiam um ponto crítico.

Com o passar do tempo, os cabos subterrâneos tinham esgaçado e começado a fumegar, enchendo de gás inflamável o espaço por debaixo das ruas. Por fim, e nos últimos tempos com mais frequência, os fios elétricos à mostra criaram um arco elétrico, inflamando uma bola de fogo no esgoto e lançando pelos ares outro disco de ferro com mais de 130 quilos.

Era destas coisas estranhas e assustadoras que Denny e Mitch viviam. Todas as tardes, pegavam nos jornais para vender e iam a pé até à biblioteca para verem no site do Departamento Local de Transportes onde se encontrava o pior trânsito de hora de ponta. O que lhes interessava eram os engarrafamentos.

Até num dia normal a Ponte Key fazia jus à sua alcunha, a Rolha de Trânsito, mas nesse dia a desembocadura da M Street estava algures entre um parque de estacionamento e um circo. Denny subiu pelo meio do trânsito e Mitch ficou com a parte de fora.

— *True Press*, um dólar apenas. Ajudem os sem-abrigo.

— Jesus ama-vos. Ajudam os sem-abrigo?

Faziam um par estranho, quando se olhava para eles: Denny, um tipo branco, de um metro e oitenta e tal, com maus dentes e um resquício de barba que nunca lhe escondia bem o queixo metido para dentro, e Mitch, um mano com um arrapazado rosto negro escuro, um corpo robusto que acabava no metro e setenta e umas rastas pequeninas tipo toco na cabeça, a condizer.

— Isto é uma metáfora perfeita, não é? — dizia Denny. Falavam um com o outro por cima dos tejadilhos dos carros... ou melhor, Denny falava e Mitch ajudava à festa.

— A pressão está a aumentar, lá bem em baixo, onde ninguém está a ver, porque lá em baixo é só ratazanas e merda e ninguém se rala, não é? Mas um dia... — Denny encheu as bochechas e expirou, fazendo um som de explosão nuclear. — Agora *é preciso* prestar-se atenção, porque as ratazanas e a merda andam por toda a parte, e toda a gente quer saber porque é que *ninguém* fez nada para o impedir. Quer dizer, se isso não é Washington cuspido e escarrado, não sei que diabo será.

— Não cuspas que é feio, mano — disse Mitch, rindo-se da sua própria piada parva. A sua camisola desbotada dizia: IRAQUE: SE NÃO ESTIVESTE LÁ, CALA-TE! As calças, largueironas, eram camufladas, como as de Denny, só que cortadas à altura da barriga da perna.

Denny mantinha a camisola levantada sobre os ombros para exibir um grupo de abdominais bastante decente. O que é bom é para se ver, e a cara não era propriamente o seu ponto forte.

— É à maneira americana — continuou ele, alto o suficiente para qualquer pessoa com a janela aberta conseguir ouvir. — Continuem a fazer o que sempre fizeram, para

continuarem a conseguir o que sempre conseguiram. Não é assim? — perguntou a uma executiva bonita num *BMW*. Ela até sorriu e comprou um jornal. — Deus a abençoe, minha senhora. Ora, *é assim*, minhas senhoras e meus senhores, que fazemos as coisas!

Continuou a desbastar a multidão, conseguindo que cada vez mais condutores esticassem o braço para fora das janelas com dinheiro na mão.

— Ei, Denny. — Mitch fez sinal com o queixo para um par de polícias a pé que se encaminhavam para ali vindos da 34th. — Não me parece que aqueles dois gostem lá muito de nós.

Denny gritou antes que os polícias pudessem falar.

— Mendigar não é ilegal, senhores agentes. Pelo menos fora da zona de parques federais. E, da última vez que vi, a M Street não era nenhum parque!

Um deles gesticulou para o emaranhado de trânsito, carrinhas da Pepco e veículos dos bombeiros.

— Estás a gozar comigo, não estás? Vamos lá embora. Desandem daqui.

— Então, meu, vai negar a um par de *veteranos sem-abrigo* o direito a ganhar a vida de modo honesto?

— Já esteve no Iraque, meu? — acrescentou Mitch. As pessoas começavam a olhar fixamente.

— Ouviste o que disse o senhor agente — disse-lhe o segundo polícia. — Ponham-se a andar. *Já*.

— Então, meu, lá por ser pouco esperto não quer dizer que se comporte como um atrasado mental — disse Denny, recebendo algumas gargalhadas em reação. Sentia o público cativo a passar para o seu lado.

De repente, houve alguns empurrões. Mitch não gostava muito que lhe tocassem, e o polícia que o tentou caiu de

rabo no meio dos carros. O outro pôs uma mão no ombro de Denny, que lhe deu um murro à velocidade de um relâmpago.

Hora de ir embora.

Deslizou pelo capot de um táxi amarelo e pôs-se em marcha em direção à Prospect, com Mitch no seu encalço.

— Parem aí onde estão! — gritou-lhes um dos polícias.

Mitch continuou a correr, mas Denny virou-se para trás. Havia agora vários carros entre Denny e os agentes.

— O que é que vai fazer? Dar um tiro num veterano sem-abrigo no meio do trânsito? — Depois abriu bem os braços. — Força, meu. Mate-me. Poupe uns dólares ao governo.

As pessoas buzinavam, e havia quem gritasse de dentro dos carros.

— Dê-lhe um desconto, meu!

— Apoiem as tropas!

Denny sorriu, saudou o agente, de modo incisivo com o dedo do meio, e foi a correr até apanhar Mitch. Passado um segundo, subiam a correr a 33rd Street, não tardando a desaparecer de vista.

CAPÍTULO 2

Ainda se estavam a rir quando regressaram ao antigo *Suburban* de Denny, estacionado no Lote 9, ao lado da Biblioteca Lauinger, no *campus* da Georgetown.

— Foi espetacular! — A cara bolachuda de Mitch reluzia de suor, mas ele nem ofegante estava. Era o tipo de homem cujos músculos se pareciam muito com gordura. «O que é que vai fazer?», papagueava ele. «Dar um tiro num veterano sem-abrigo no meio do trânsito?»

— *True Press*, um dólar — disse Denny. — Almoço no Taco Bell, três dólares. A expressão no rosto do bófia quando percebe que o apanhaste? Impagável. Quem me dera ter uma fotografia.

Tirou um envelope cor de laranja-vivo de debaixo do limpa-para-brisas e entrou para o banco do condutor. O carro ainda cheirava a cigarros, fumados como uma chaminé, e a *burritos*, da noite anterior. Havia almofadas e cobertores embrulhados num rolo numa das metades do banco de trás, ao lado de um saco de recolha de folhas e relva cheio de latas com vasilhame.

Atrás disso, por baixo de uma pilha de caixas de cartão amassadas, alguns restos de alcatifa antiga e um fundo falso em contraplacado, estavam duas pistolas *Walther PPS* de nove milímetros, uma *M21* semiautomática e uma espingarda *M110*

de atirador furtivo de nível militar. Havia também uma mira térmico-ótica de longo alcance, um óculo de localização, um *kit* de limpeza para as espingardas e várias caixas de munições, tudo embrulhado num grande oleado e atado com várias cordas de *bungee*.

— Portaste-te bem ali atrás, Mitchie — disse-lhe Denny. — Muito bem. Não perdeste a calma por um segundo que fosse.

— Népia — disse Mitch, despejando os bolsos para o tabuleiro de plástico no meio deles. — Não vou perder a calma, Denny. Nada me tira do sério.

Denny contabilizou o lucro do dia. Quarenta e cinco. Nada mau para um turno curto. Entregou dez notas de um dólar e uma mão-cheia de moedas a Mitch.

— Então, o que é que te parece, Denny? Estou preparado ou quê? Eu acho que estou preparado.

Denny recostou-se e acendeu uma das beatas já meio fumadas que se encontravam no cinzeiro. Passou-a a Mitch e acendeu outra para si próprio. Aproveitou a ocasião para pegar fogo ao envelope cor de laranja que continha a multa de estacionamento e largá-lo a arder sobre o cimento.

— Sim, Mitch, acho que és capaz de estar preparado. A questão é: estarão *eles* preparados para nós?

Os joelhos de Mitch começaram a martelar um no outro para cima e para baixo.

— Quando é que começamos? Hoje à noite? Que tal hoje à noite? Que tal, hã, Denny?

Denny encolheu os ombros e inclinou-se para trás.

— Desfruta da paz e sossego enquanto podes, pois muito em breve vais ser famoso como o caraças. — Exalou um anel de fumo e depois mais outro, que atravessou o primeiro. — Estás preparado para ser famoso?

Pela janela, Mitch contemplava duas universitárias giras e de saias curtas que atravessavam o parque de estacionamento. Ainda tinha os joelhos bambos.

— Estou preparado para começar com isto, é o que é.

— Lindo menino. E qual é a missão, Mitchie?

— Fazer uma limpeza em Washington, como costumam dizer os políticos.

— É isso mesmo. Eles falam no assunto...

— Mas nós vamos *fazer* alguma coisa em relação a isso. Sem dúvida. Sem dúvida.

Denny esticou o punho para um cumprimento e depois ligou o carro. Fez marcha-atrás pelo caminho mais longo, para poder olhar bem para a parte de trás das raparigas.

— Por falar em tacos — disse ele, provocando o riso em Mitch. — Onde é que queres comer? Hoje temos papel para estourar.

— Taco Bell, meu — disse Mitch, sem sequer precisar de pensar.

Denny empurrou a manete das mudanças com força, para pôr o carro em marcha, e arrancou.

— Porque é que isso não me admira?

CAPÍTULO 3

A história principal da minha vida nos últimos tempos era a Bree — Brianna Stone, conhecida como «o Rochedo», na Polícia Metropolitana. E, sim, ela era tudo isso: consistente, profunda, adorável. Tornara-se parte da minha vida a ponto de eu já não conseguir imaginá-la sem ela. Há anos que não sentia as coisas tão sãs e equilibradas.

Claro está que o facto de o departamento de homicídios da Polícia Metropolitana andar ultimamente tão sossegado também não era nada prejudicial. Enquanto polícia, não se conseguia deixar de pensar quando é que cairia a próxima tonelada de tijolos, mas, enquanto isso não acontecia, eu e a Bree fizemos um inaudito almoço de duas horas nessa tarde de quinta-feira. Geralmente, a única maneira de nos vermos durante o dia era se estivéssemos a trabalhar no mesmo caso de homicídio.

Sentámo-nos na parte de trás do Ben's Chili Bowl, por baixo de todas as fotos de celebridades autografadas. O Ben's não é propriamente a capital mundial do romance, mas é uma instituição em Washington. Só as salsichas fumadas já valem a viagem.

— Então já sabes o que nos andam a chamar no escritório ultimamente? — perguntou a Bree, a meio de um batido de café. — Breelex.

— Breelex? Tipo Brad e Angelina? Que *horror*.

Ela riu-se. Nem sequer conseguia manter uma cara séria.

— Eu bem te digo que os polícias não têm imaginação.

— Hmm. — Pouso a mão ao de leve sobre a perna dela debaixo da mesa. — Há exceções, é claro.

— É claro.

Qualquer coisa a mais do que isso iria ter de esperar, e não apenas por as casas de banho do Ben's Chili Bowl não serem decididamente uma opção. A verdade é que tínhamos mesmo um sítio importante aonde ir nesse dia.

Depois do almoço, passeámos de mãos dadas pela U Street até à joalharia da Sharita Williams. A Sharita era uma amiga antiga dos tempos de liceu, que por acaso também fazia um trabalho fenomenal com peças antigas.

Uma dúzia de sininhos tiniu sobre as nossas cabeças quando entrámos descontraidamente pela porta.

— Ora, se não se vê logo que estão apaixonados. — A Sharita sorriu por detrás do balcão.

— É que estamos mesmo, Sharita — disse eu. — E recomendo-o vivamente.

— Arranja-me um bom homem, Alex. Eu estou nessa.

Sabendo a razão da nossa presença ali, retirou uma pequena caixa de veludo preto de debaixo do estojo.

— Ficou lindo — disse ela. — Eu adoro esta peça.

O anel era da minha avó, a Nana Mama, que tinha umas mãos muito pequenas. Tínhamos mandado alargá-lo para a Bree. Era de platina, com uma fila de três diamantes, o que achei perfeito — um por cada um dos miúdos. Talvez seja foleiro, mas era como se aquele anel representasse tudo aquilo com que eu e a Bree nos comprometíamos. Afinal de contas, éramos um pacote, e eu sentia-me o homem mais felizardo do mundo.

— Confortável? — perguntou a Sharita quando a Bree o enfiou no dedo. Nenhuma delas conseguia tirar os olhos do anel, e eu não conseguia tirar os olhos da Bree.

— Sim, é confortável — disse ela, apertando-me a mão. — É a coisa mais linda que já vi na vida.

CAPÍTULO 4

Fiz uma aparição de fim de tarde no Daly Building. Era uma altura tão boa como qualquer outra para me pôr a par da catrefada de papelada que parecia nunca parar de chegar à minha secretária.

Mas, quando cheguei à sala da Brigada de Casos Principais, o chefe Perkins estava mesmo a sair para o corredor com uma pessoa que não reconheci.

— Alex — disse ele. — Ainda bem. Assim poupas-me uma viagem. Acompanhas-nos?

Passava-se algo, obviamente, e não era coisa boa. Quando o chefe quer uma reunião, somos nós que vamos ter com ele, não o contrário. Dei uma volta de 180 graus e dirigimo-nos de volta aos elevadores.

— Alex, apresento-te o Jim Heekin. O Jim é o novo diretor-adjunto da Direção dos Serviços Secretos do FBI.

Demos um aperto de mão. O Heekin disse:

— Já ouvi falar muito de si, detetive Cross. Quando voltou para cá, quem perdeu foi o FBI, e quem ganhou foi a Polícia Metropolitana.

— Oh-ho — disse eu. — A lisonja nunca é bom sinal.

Todos nos rimos, mas era verdade. Muitos dos novos gestores do FBI gostam de dar um abanão às coisas quando

começam a trabalhar, só para que se saiba que eles lá estão. A questão era: o que é que o novo cargo do Heekin tinha que ver comigo?

Assim que nos instalámos no grande gabinete do Perkins, o Heekin entrou em mais detalhes.

— Posso depreender que tem conhecimento dos nossos GSSC? — perguntou-me ele.

— Grupos dos Serviços Secretos de Campo — disse eu. — Nunca trabalhei diretamente com eles, mas claro que sim. — Os GSSC tinham sido criados para desenvolver e partilhar «produtos» dos serviços secretos com as comunidades policiais nas suas respetivas jurisdições. No papel, parecia uma boa ideia, mas houve críticos que os viram como uma passagem da batata quente em relação à investigação criminal nacional que, de um modo geral, o FBI começou a fazer depois do 11 de Setembro.

O Heekin continuou:

— Como provavelmente saberá, o grupo de DC estabelece um *interface* entre todos os departamentos de polícia na nossa área, incluindo a Polícia Metropolitana. E também com a NSA, a ATF*, os Serviços Secretos... é só dizer. Fazemos videoconferências mensais e gerimos o tempo com base na necessidade, dependendo de onde decorre a ação.

Aquilo começava a parecer um argumento de vendas, e eu já estava bem certo do que ele vendia.

— De um modo geral, são os chefes de polícia que representam os seus departamentos nos GSSC — prosseguiu, com o seu discurso estável e bem ritmado —, mas nós gostávamos que fosse você a assumir essa posição na Polícia Metropolitana.

---

* ATF — Alcohol, Tobacco and Firearms — Gabinete de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo. [*N. da T.*]

Olhei para o Perkins, que encolheu os ombros.

— O que é que eu posso dizer, Alex? Estou demasiado ocupado.

— Não deixe que ele o engane — disse o Heekin. — Eu falei aqui com o chefe e, antes disso, com o diretor Burns, do FBI. O seu nome foi o *único* a surgir em ambas as reuniões.

— Obrigado – disse eu. — É muito simpático, mas estou bem onde estou.

— Pois, exatamente. A Brigada de Casos Principais encaixa-se na perfeição nesta função. Quando muito, irá facilitar-lhe o trabalho.

Apercebi-me de que não era uma oferta mas sim uma missão. Aquando do meu regresso à polícia, o Perkins tinha-me dado praticamente tudo o que eu lhe pedira. Agora estava em dívida para com ele e ambos o sabíamos. E *ele* sabia que eu gostava de ser justo.

— Nada de mudanças de títulos — vinquei. — Acima de tudo, sou um investigador, não algum tipo de administrador.

O Perkins sorriu atrás da secretária. E mostrou um ar aliviado.

— Por mim, tudo bem. Assim ficas com o mesmo nível salarial.

— E os meus casos têm prioridade sobre qualquer outra coisa que eu possa ter de fazer?

— Não me parece que isso vá constituir um problema — disse o Heekin, já a levantar-se para sair. Tornou a apertar-me a mão à porta. — Parabéns, detetive. Vai subir na vida.

Pois é, pensei eu. *Quer queira quer não*.

ALEX CROSS

O BESTSELLER INTERNACIONAL

Um policial alucinante e poderoso, do autor que mais vezes alcançou o n.º 1 do *New York Times*.

Um casamento interrompido

Os planos para o casamento do detetive Alex Cross com a sua noiva, Bree Stone, são interrompidos. Alex é chamado à cena de crime do assassínio de dois dos mais corruptos de Washington, DC: um congressista sem escrúpulos e um lobista dissimulado. Mas o atirador furtivo volta a atacar, escolhendo outros políticos corruptos como alvos, e desencadeando uma torrente de teorias — afinal, será este atirador um herói ou um mercenário?

Um assassino temível de regresso

O caso toma proporções inesperadas e o FBI destaca o arrogante agente Max Siegel para a investigação. Rapidamente, Alex e Siegel entram em confronto acerca de quem tem jurisdição sobre o caso. Entretanto, os assassínios continuam. Enquanto se debate com a identidade do atirador, Siegel e o casamento, Alex recebe um telefonema do seu mais mortífero adversário — Kyle Craig. O génio do crime está de volta a DC e não irá descansar enquanto não tiver eliminado de vez Cross e todos os seus entes queridos.

Apanhado no fogo cruzado, irá Alex conseguir salvar a sua família e sobreviver?

Um frente a frente verdadeiramente arrepiante, com um enredo recheado de ação e reviravoltas inesperadas.

Outros títulos sensacionais de James Patterson, o autor n.º 1 em todo o mundo:

Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

TOP SELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

Série Segundo Cross, n.º 5

ISBN 978-989-8800-71-8

9 789898 800718

Ficção/Policial